



# POLIFONIA

NO ROMANCE

## O QUARTO FECHADO

*De Lia Luft*



Professora  
**CelesteDummer**

## A POLIFONIA NO ROMANCE *O QUARTO FECHADO* DE LIA LUFT

O presente trabalho pretende fazer uma análise do romance *O Quarto Fechado* da escritora gaúcha Lia Luft, enfocando a influência da polifonia no desnudamento das personagens (pessoas que vivem dramas e situações dentro da narrativa, à imagem e semelhança do ser humano) na construção do romance psicológico.

Segundo definição de teóricos, entre eles Bakhtin, polifonia é a simultaneidade de várias vozes que se desenvolvem independentemente dentro da obra sem interferir na unidade da história.

Uma obra é polifônica quando as personagens têm voz própria, têm uma ideologia própria, manifestam sua autoconsciência, traçam seu destino, vivem sempre no limite para chegar ao autoconhecimento. Tentam entender e explicar o mundo.

O autor não conduz a ação. A ação das personagens, suas atitudes, sua concepção de mundo é que definem os rumos, os acontecimentos. O importante não é o que as personagens são no mundo, mas o que o mundo é para as personagens e o que elas são para si mesmas.

Segundo Massaud Moisés, um romance pode ser classificado como polifônico quando “altera permanentemente o ângulo visual, de modo a abranger aspectos diferentes e diferenciados, mas que, somados, dão a unidade e a globalidade requeridas.” (A Criação Literária, 1979, p. 183)

É uma sinfonia baseada na multiplicidade dos focos. O “canto” das personagens (Das pessoas e das coisas) é sempre uma tentativa de autoconhecimento, de revelação da verdade sobre o mundo e sua inseparabilidade da verdade do indivíduo.

Em *O Quarto Fechado*, Lia Luft abre “amplamente a porta para a maior, mais pungente e difícil de todas as nossas indagações: a morte.”

É ela a grande personagem deste livro, onde ternura e forças demoníacas se misturam em cenas de delicadeza comovente ou assustadora brutalidade, expondo sem medo nem preconceito a estranha, talvez irremediável, condição humana.

Em torno da Morte giram as demais personagens (Martim, Renata, Camilo, Carolina, Mamãe, Ella, Clara, Rafael), definem-se rumos e suscitam-se reflexões.

Um adolescente suicida, sua irmã gêmea profundamente ligada a ele na vida e na morte, um ser sem forma, enorme e repulsivo trancado num quarto, uma velha chamada Mamãe mas “que não é mãe de ninguém”, uma artista frustrada, um homem perplexo e roído de culpas, uma louca mansa, vivem e convivem, atormentam-se, ajudam-se e se destroem num cenário de sombras.

**Regina Zilberman entende que a morte de um ente querido, o esgotamento de uma relação amorosa, a tentativa de retomar e reatar os laços familiares por muito relaxados são o pretexto para as personagens que vivenciam esses eventos passarem por situações limite, cujos resultados são também radicais: a revisão da própria história e a descoberta do eu profundo até então encoberto pela máscara social e pelos resultados de uma formação rígida e autocrática. (A Literatura no RS, 1992, p. 146-147)**

**As personagens estão em crise e são infelizes: não correspondem ao que os outros esperam delas, nem ao que planejam para elas, até o momento em que a crise irrompe, o passado é posto a nu e uma decisão é tomada.**

**A Morte é a personagem que prende as demais, assusta-as, deixa-as perplexas e impotentes. Faz pensar, reavaliar suas vidas, emitir julgamentos, reelaborar conceitos e amadurecer; faz a todos interrogar: “ – O que é *isso*, a Morte?”**

“Martim . . . era um homem habituado a dar ordens: no território da Morte era impotente, tão pobre e desamparado quanto qualquer um.” (O Quarto Fechado, p. 82)

**A palavra morte é grafada com letra maiúscula e seguidamente recebe denominações ambíguas: Sinistra, Aquela, Adversária, Outra, Dama. As denominações são ambíguas porque ninguém sabe quem é e o que acontece depois que ela toma posse da vida do ser humano: finda-a.**

“Ele dava os primeiros passos em sua Morte, abraçado a ela, que o instruída devagar.” (O Quarto Fechado, p. 13)

“Chegara aonde queria chegar: a Outra atendera ao seu clamor.” (O Quarto Fechado. P. 109)

“. . . era controlado pelas magras mãos da Dama a quem tanto queria desvendar.” (O Quarto Fechado, p.117)

**Renata é uma pianista casada com Martim. Infeliz porque deixou de tocar para ser esposa e mãe, mas nunca conseguiu experimentar o sentimento materno em relação a Camilo e Carolina.**

**Sente-se frustrada, amargurada, decepcionada, impotente diante da realidade da vida e da morte. Alimenta um sentimento de culpa diante da morte do filho. Está isolada do mundo.**

**A maior parte de O Quarto Fechado se configura para o leitor através das reflexões de Renata que é levado para dentro das vidas, pensamentos, conceitos, valores e preconceitos de cada personagem. Reconstitui os motivos da morte de Camilo que abandonara desde criança, rememora sua relação conjugal com Martim e o piano a que renunciara para se dedicar ao casamento.**

“Renata as viu, e não pôde fugir ao rio das lembranças” (O Quarto Fechado, p. 16)

**Martim era casado com Renata, pai de Camilo e Carolina. É um homem enérgico, inseguro diante da morte, racional e amargurado. Alimenta um sentimento de culpa diante da morte do filho e do fracasso do casamento. Dono de uma fazenda, sempre se preocupou em administrar os bens da família. Sempre foi agressivo e impaciente com os filhos e a esposa; fugia das emoções complicadas e perigosas.**

“Envergonhava-se: Renata fora sua fraqueza, sua humilhação. No começo pensava ser forte, ia ensinar-lhe a vida e conquistar aquele mundo interior dela, que o atraía tanto. Mas fora incapaz: o que nela havia de especial era inatingível para um homem como Martim. Por mais que a amasse, era preciso algo além disso, capacidade de a compreender, participar. O convívio acabara num constante desconforto, Martin sentia: ela me observa, me analisa. E me reprova.” (O Quarto Fechado, p. 16)

**Os gêmeos (Camilo e Carolina) são uma alegoria das duas partes. São, exatamente, os dois lados de uma mesma pessoa. São simbolicamente uma única pessoa. São uma alegoria da ambigüidade.**

**Camilo e Carolina são sensíveis, discretos. Nasceram débeis (os pais esperavam filhos robustos). São inquietantes e enigmáticos; odiavam a fazenda. Há uma forte inclinação homossexual, uma ambigüidade não resolvida.**

“Imaturos, quase infantis, bastavam-lhes as carícias fraternas: o beijo na face, o toque na mão, respirar no mesmo ritmo, dormindo no mesmo quarto quando podiam. A mútua contemplação: o rosto do outro, multiplicando interrogações. Gostavam de estar juntos em silêncio: caminhar no jardim; ler ou estudar no mesmo livro, soltando o pensamento que se podia fundir. . . . Algum dia alguma coisa ia acontecer: previam isso, embora não o soubessem dizer. Iam fundir-se num só? A vida repartida em dois era transitória, impossível de se manter para sempre.” (O Quarto Fechado, p. 114)

**Clara é uma mulher bonita e solteira, mas fraca dos nervos por causa de uma desilusão amorosa. O sexo é, para ela, fonte de todos os males, porque não é associado à construção da vida, ao prazer, e sim, à destruição de corpos e mentes.**

“Havia algo mal explicado em sua vida, falava-se num amor infeliz. Era grotesco na sua história o que ela não conseguia superar: a covardia dele. Jogara nas águas serenas do corpo dela, da alma dela, a pedra da sua estranha paixão, e fora embora deixando-a num redemoinho que não se aquietava mais.” (O Quarto Fechado, p. 93)

**Mamãe é a mãe verdadeira de Ella e mãe adotiva de Martim e Clara. Dia e noite cuida da filha porque sente-se responsável pela situação em que está.**

“Mamãe fazia o que tinha que fazer, sem grandes ponderações. Faria tudo aquilo até o fim, às vezes brincava: no dia do Juízo Final vou aparecer lá com um vidro de remédio na mão e uma fralda suja de Ella na outra. Ella não se recuperaria. Ao contrário, piorava, afundava-se naquele marasmo, estava meio imbecil, nunca mais voltaria.” (O Quarto Fechado, p. 120)

“Talvez tudo fosse castigo, todas as dores, todos os conflitos e dramas da família fossem castigo para ela, Mamãe: porque impedira o amor de Martim e Ella.” (O Quarto Fechado, p. 123)

**Rafael, o anjo, nasceu quando os gêmeos tinham quase 10 anos. Era a esperança de consertar, reatar, de recomeçar a vida em família. Era a tábua de salvação, o filho robusto que Martim queria e ao qual Renata dedicava sua atenção. Caiu (ou foi empurrado pelos gêmeos) da escada e morreu.**

“Com aquele filho, era tão diferente. Mas punha nele a esperança de refazer sua vida, de reconstituir-se interiormente, de ser enfim capaz de amar, generosa, e se libertar.” (O Quarto Fechado, p. 110)

**Durante toda a narrativa as personagens se deparam com a ambigüidade, o dualismo entre: sonho x realidade, felicidade x infelicidade, masculino x feminino, vida x morte, claro x escuro, presença x ausência, alegria x sofrimentos, amor x ódio.**

**O resultado é uma revelação – a do próprio eu – com a maneira de ver, sentir e reagir acumuladas no tempo e os desejos até então desconhecidos ou insatisfeitos. A natureza flui para um desnudamento, cujo clímax pode equivaler a uma liquidação: da segurança pessoal.**

**As personagens assimilam emancipação e morte. Elas compreendem o processo que as vitimou e, nesse sentido, liberam-se; mas essa descoberta ocorre tardiamente, não podendo mais suscitar um projeto de vida, e sim o suicídio (Camilo), o isolamento (Ella) e a placidez (Clara).**

“Em todo o trajeto até a fazenda, Camilo soubera: Alguém, alguém que um dia amei, está à minha espera. Sem rosto, sem nome, guardado para mim, intacto.” (O Quarto Fechado, p. 118)

“Clara, a que não queria crescer, sua companheira, com quem tecia ano após ano uma vida doméstica fora da realidade, pequenos fatos, intrigas, lembranças, nunca projetos.” (O Quarto fechado, p. 119)

**A autora traduz as dificuldades experimentadas pela mulher (Clara, Ella, Carolina e Renata) na busca e afirmação de um caminho autônomo sem descrever das possibilidades de mudança e conquista de auto-suficiência.**

**Lya Luft se filiou à grande família dos narradores do fluxo da consciência (discurso indireto livre) em que as personagens pouco falam oralmente, mas mostram suas falas interiores, ora através de seus pensamentos, ora por meio de um narrador que diz ao leitor o que elas sentem e pensam e o que nelas se reflete no mundo. A voz intimista não é doce mas implacável, por vezes cruel.**

**Sob a ótica de Regina Zilbermann, o leitor se identifica com as personagens. Está aí, enovelado, enredado, exposto e nu, frágil mas corajoso, lutando para abrir caminho, firma o passo, enxerga nas trevas e, ainda que sem respostas, lança em grandes brados suas perguntas.**

***O Quarto Fechado* é uma obra construída através de um vai e vem, onde os artistas executam seu solo de melancolia, impotência, frustração e infelicidade; através da simultaneidade de vozes das personagens que compõem e executam uma melodia, uma trágica sinfonia humana com que se fecha o texto musical.**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense-Universidade, 1981.**

**BORDINI, Maria da Glória. Autores Gaúchos. Porto Alegre: IEL, 1988.**

**LUFT, Lya. O quarto fechado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.**

**ZILBERMANN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.**